

Objetificação da mulher na música contemporânea brasileira¹

Micaelly Nery Menezes²

Lívia Barbosa Bernardo³

Vanessa Rodrigues Taratá⁴

Teresa Leonel Oliveira Costa⁵

Fábio Ronaldo da Silva⁶

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo

A pesquisa analisa criticamente a objetificação da mulher na música contemporânea brasileira, com foco em gêneros como funk, forró, MPB e samba. A partir da produção de um podcast, estudantes da UNEB investigam como os videocliques e as letras das músicas reforçam estereótipos de gêneros que reduzem as mulheres a objetos sexuais. Com base em autores como Adorno e Horkheimer, e por meio de entrevistas com especialistas, o trabalho discute os impactos dessas representações na cultura de massa. Também propõe uma abordagem interseccional, destacando como mulheres negras e periféricas são ainda mais marginalizadas.

Palavras-chave: Objetificação da mulher; Indústria Cultural; Música brasileira; Estereótipos de gênero; Sexualização de corpos.

¹Trabalho apresentado no grupo de trabalho GTNE15 - Estudos de cultura pop e comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

²Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios do DCH-3/UNEB, e-mail: micaellynery8@gmail.com

³Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios do DCH-3/UNEB, e-mail: liviabernardo1418@gmail.com

⁴Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios do DCH-3/UNEB, e-mail: taratavanessa@gmail.com

⁵Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB, e-mail: teresaleonelcosta@hotmail.com

⁶Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB, e-mail: fabiosilva@uneb.br

Introdução

O Brasil é consolidado como um dos maiores mercados musicais do mundo. Esse mercado é impulsionado principalmente pelo consumo de streaming e pela popularidade de gêneros como sertanejo, funk, MPB e trap. Com essa presença marcante no cenário global, o Brasil tem o poder de conectar e inovar com a mistura de estilos, ritmos e letras. No entanto, essa força criativa também carrega contradições, sobretudo quando observamos como a figura feminina é representada nesse cenário.

A música popular brasileira, em especial a que circula no com maior intensidade no universo da Cultura Pop, recorre com frequência à objetificação da mulher em suas letras e videoclipes. Corpos hipersexualizados, metáforas que reduzem a mulher a um objeto de desejo e narrativas que reforçam a subalternização feminina são elementos recorrentes. Essa prática não apenas perpetua estereótipos de gênero, mas também se insere em uma lógica mercadológica que explora a imagem da mulher como produto cultural de consumo.

Nesse sentido, o presente trabalho busca compreender a música popular brasileira como um cenário de maior intensidade no universo da Cultura Pop. Essa pesquisa surge da necessidade de entender como essas músicas reforçam e, por vezes, tencionam normas de gênero. A partir de um olhar comunicacional, propõe-se analisar como essas representações são construídas, consumidas e, eventualmente, ressignificadas. Buscando refletir também sobre os impactos dessas representações na cultura de massa, considerando o papel ativo do público na recepção desses conteúdos.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, utilizando a produção de um podcast como método e objeto simultaneamente, articulando análise comunicacional e prática midiática. O estudo parte da perspectiva de que o podcast, enquanto produto da cultura digital e espaço de reflexão crítica, pode funcionar como uma ferramenta potente para analisar e difundir questões sociais, culturais e midiáticas – neste caso, a objetificação da mulher na música brasileira.

No aspecto quantitativo, foi feita uma curadoria de músicas populares de gêneros como funk, samba, forró e MPB. A seleção considerou critérios como circulação em

plataformas digitais, e presença em mídias tradicionais, a fim de ilustrar a frequência e naturalização de mensagens que objetificam o corpo feminino.

No viés qualitativo, o podcast incorporou análises discursivas de letras e videocliques, observando as construções simbólicas e linguísticas que reforçam estereótipos de gênero. A estrutura do podcast foi organizada em três blocos temáticos e o roteiro contou ainda com entrevistas semiestruturadas com especialistas que ofereceram embasamento crítico e interdisciplinar: o historiador Pablo Michel, a pesquisadora de gênero Raquel Guedes, a cantora Joyce Guirra e a professora de linguagens Laiza Campos. Esses depoimentos foram integrados à narrativa dos áudios como contrapontos às mensagens das canções analisadas.

O processo de produção do podcast se constitui como uma prática comunicacional crítica que, ao tratar de um tema recorrente na Indústria Cultural, também se insere como produto dentro da lógica da Cultura Pop. Essa abordagem possibilita uma análise interdisciplinar, considerando aspectos simbólicos, afetivos e mercadológicos envolvidos nas formas como a música popular brasileira constrói e dissemina imagens das mulheres.

A Indústria Cultural e a Música Pop

A crítica à cultura de massa desenvolvida pela Escola de Frankfurt, especialmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer, fornece um importante arcabouço teórico para compreender os mecanismos da música popular enquanto expressão da Indústria Cultural. Na obra “Dialética do Esclarecimento” (1947), os autores argumentam que a cultura, sob a lógica do capitalismo avançado, é transformada em mercadoria padronizada, produzida em larga escala e consumida de forma inconsciente pelas massas. Dessa forma, a função social da arte é neutralizada, reduzida ao entretenimento e à reprodução de valores hegemônicos.

Nesse contexto, a música pop torna-se não apenas um produto de consumo, mas também um instrumento de alienação, moldado para atender à lógica do mercado e manter a ordem social. Letras que reforçam estereótipos de gênero, por exemplo, são naturalizadas no cotidiano e tornam-se parte do imaginário coletivo. A recorrência de imagens e discursos que objetificam a mulher nas músicas populares brasileiras revela

como a cultura de massa pode contribuir para a manutenção de estruturas de opressão, como machismo e desigualdade de gênero.

Assim, ao analisar a objetificação da mulher na música brasileira, é possível compreender como a Cultura Pop remodela a lógica da Indústria Cultural, mas também como pode ser tensionada por práticas críticas como o próprio podcast produzido nesta pesquisa, que busca revelar e questionar os sentidos cristalizados por essa produção musical massificada.

Gênero e Representações: A Mulher como Produto

O podcast “Objetificação da Mulher na Música Contemporânea Brasileira”, produzido por estudantes de Jornalismo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), é uma proposta interdisciplinar entre as matérias de Radiojornalismo I e Estética da Comunicação. Assim, a produção parte de uma análise crítica da recorrente objetificação da mulher nas letras de músicas populares, articulada a uma abordagem estética que investiga os efeitos do belo, do feio e da sátira na construção sonora dessas composições.

Entre as músicas analisadas estão “Quem Ama Cuida”, de Flávio José (composta por Zezito Doceiro), “Amiga da Minha Mulher”, de Seu Jorge (co-autoria de Gabriel Moura), “Ela Não Presta”, do MC Rick (em parceria com MC PH e Gordão do PC), “Mulher Indigesta”, de Noel Rosa, e “Se Te Agarro com Outro Te Mato”, de Sidney Magal. Essas canções foram estudadas em diálogo com especialistas convidados, como o historiador Pablo Michel, a professora de linguagens Laiza Campos, a pesquisadora de gênero Raquel Guedes e a cantora e compositora Joyce Guirra.

A partir dessa seleção musical, o podcast discute como as letras reforçam estereótipos de gênero e colocam a mulher em posição de subordinação, submissão e de objeto sexual. O historiador Pablo Michel destaca o papel histórico dessas representações, evidenciando como refletem uma estrutura social patriarcal. Laiza Campos, analisa a naturalização do machismo a partir das metáforas e linguagens cotidianas utilizadas nas composições, principalmente, nas músicas de maior audiência. Raquel Guedes, aponta para os impactos psicológicos dessas representações, relacionando-as com quadros de depressão e ansiedade entre as mulheres.

A análise crítica desenvolvida no podcast revela como o corpo da mulher é constantemente representado de forma hipersexualizada, sendo reduzido a um objeto de desejo masculino. Essa construção, presente em grande parte das letras e videocliques das músicas analisadas, serve como um mecanismo eficaz de consumo e venda na lógica da Indústria Cultural e da Cultura Pop.

A canção, “Ela não presta”, de MC Rick, é um exemplo claro de como a linguagem vulgar e as metáforas sexuais são utilizadas para atrair engajamento nas plataformas digitais. Laiza Campos, aponta que essas práticas refletem o uso de elementos simbólicos que contribuem para a normalização da violência de gênero, promovendo uma estética da humilhação e da submissão feminina.

Em contraponto a isso, a cantora e compositora Joyce Guirra, reforça que os artistas têm responsabilidade sobre os conteúdos que produzem e disseminam. Ela argumenta ainda que embora a arte seja um espaço de liberdade, é fundamental que os artistas desenvolvam consciência crítica, especialmente quando suas composições influenciam a autoestima das mulheres e perpetuam padrões de hipersexualização.

O podcast também se propõe a discutir a representação das mulheres de maneira interseccional. Ao usar a música de encerramento “Nós somos mulheres”, do grupo Samba que elas querem, composta por Doralyce Gonzaga e Silvia Duffrayer. A canção representa um esforço de visibilizar mulheres negras e periféricas que, historicamente, foram apagadas ou reduzidas a estereótipos dentro da música brasileira. A letra destaca a força e a liberdade das mulheres, mencionando figuras importantes como a vereadora Marielle Franco (assassinada em março 2018), a guerreira negra, Dandara dos Palmares (1654-11694) e a escravizada e alforriada, Chica da Silva (1732-1796).

A referência a essas mulheres ressalta as questões de gênero, raça, classe e território, que atravessam as representações das mulheres na cultura. Mulheres negras e pobres, por exemplo, são frequentemente retratadas de forma ainda mais hipersexualizada e marginalizada em letras de músicas e videocliques, especialmente no funk.

A divulgação do produto ocorreu por meio de um podcast, formato que possibilitou transmitir essas reflexões de forma eficaz, acessível e adaptada ao ambiente digital, por meio de plataformas como o Spotify, [endereços:https://open.spotify.com/show/10m8vbtwZ4vhQkzJphnVLk?si=IKL61vesQu](https://open.spotify.com/show/10m8vbtwZ4vhQkzJphnVLk?si=IKL61vesQu)

[W49J025lpPow](#), Deezer <https://dizr.page.link/z4aWV4s9yCBm3uF27> e Soundcloud <https://on.soundcloud.com/kseahHdiVqVVtiU39>

Considerações finais

Os resultados obtidos a partir da produção do podcast evidenciam como a música contemporânea brasileira ainda opera como um reforço à objetificação da mulher. A escuta e debates das músicas selecionadas revelaram a presença significativa de letras que reduzem a figura feminina a atributos físicos ou comportamentos sexuais. A naturalização desses conteúdos mostra-se ainda mais preocupante quando considerada sua ampla circulação nas plataformas digitais, atingindo públicos diversos.

Concluiu-se que a produção do podcast "Objetificação da Mulher na música contemporânea brasileira" promove uma reflexão crítica sobre a presença do machismo na música popular e como as mulheres são retratadas de forma sexualizada, e sobretudo, a naturalização com a qual a mulher recebe essa informação. Destaca-se como essa narrativa é absorvida muitas vezes de forma inconsciente pelas ouvintes, que se deixam levar pelo romantismo e pela melodia, nem sempre percebendo o conteúdo misógino presente nas composições.

Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

JOSÉ, Flávio. **Quem ama cuida**. Salgueiro: 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Q4FnUL1ZCWM?si=IDvykCRwc31QuH-l>. Acesso em 5 maio. 2025.

MÁRIO, Jorge. **Amigo da minha mulher**. 2011. Disponível em: https://youtu.be/BwGZKix5FN8?si=gxmu-gJt_zLKcAoy. Acesso em 5 maio. 2025.

PC, Gordão; RICK, MC. **Ela não presta**. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/iinRBooxStO?si=wsG3I6cjsUvc0o-y>. Acesso em 5 maio. 2025.

ROSA, Noel. **Mulher indigesta**. Columbia: 1932. Disponível em: <https://youtu.be/0UAgn1WM2z8?si=7S8LuvJD9VjNXhsj>. Acesso em 5 maio. 2025.

MAGAL, Sidney. **Se te agarro com outro te mato**. 1977. Disponível em: https://open.spotify.com/track/5jkCMeAqNcy1rsa6jZ2n4I?si=s4_BsNuSQIezczfy9Ws2eA.

Acesso em 5 maio. 2025.